

A religiosidade em Anne das empenas verdes, de L. M. Montgomery

Religiosity in Anne of the Green Gables, by L. M. Montgomery

Cesar Martins de Souza¹
Weverton de Paula Castro²

RESUMO

A comunidade fictícia de Avonlea, no campo canadense, permite pensar sobre diversas questões que envolvem as práticas de religiosidade e sociabilidade no campo. A nova moradora, Anne, adotada por uma respeitada família, os Cuthbert, traz questionamentos sobre os embates entre as contradições do cotidiano da religiosidade em Avonlea, que ao mesmo tempo abrem possibilidades para pensar sobre o papel social que a igreja ocupa nas comunidades rurais, bem como sua inter-relação com práticas de sociabilidade. Ao lançar um olhar etnográfico sobre a obra fica evidenciado que Anne transforma a comunidade e é transformada por ela, pois sua criatividade e reflexão trazem problematizações importantes para pensar a religiosidade no campo a partir de uma obra consagrada na literatura universal.

Palavras-chave: Sociabilidade. Religiosidade. Lucy Montgomery. Comunidade camponesa.

ABSTRACT

The fictional community of Avonlea, in the Canadian countryside, allows us to think about several issues that involve the practices of religiosity and sociability in the countryside. The new resident, Anne, adopted by a respected family, the Cuthbert, brings questions about the clashes between the contradictions of the daily life of religiosity in Avonlea, which at the same time open possibilities to think about the social role that the church occupies in the rural communities, as well as its interrelationship with sociability practices. When casting an ethnographic look at the work, it is evident that Anne transforms the community and is transformed by it, because her creativity and reflection bring important questions to think about religiosity in the field from a work consecrated in universal literature.

Keywords: Sociability. Religiosity. Lucy Montgomery. Peasant community.

¹ Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense. E-mail: cesar@ufpa.br

² Doutorando em Educação Religiosa na Universidade Andrews. E-mail: weverton.castro@faama.edu.br

Introdução

Anne das empenas verdes ocupa um lugar na literatura universal, em uma obra que possibilita mergulhar no cotidiano de sociedades camponesas no interior do Canadá, na virada do século XIX para o XX, com seus (pre)conceitos, crenças, economia, educação, cotidiano religiosidade. Na província canadense denominada de Ilha do Príncipe Eduardo são muito marcantes as referências à obra, como: o Anne's Museum; a casa das empenas verdes que teria inspirado a obra é mantida em suas linhas originais; a University of Prince Edward Island, mantém o L.M. Montgomery Institute, um centro de estudos e pesquisas sobre a autora de *Anne*, Lucy Maud Montgomery.

A obra, mais do que um livro, funciona, portanto, como um forte elemento de reforço de identidades, pois traz a cultura canadense enquanto pano de fundo para se pensar em temáticas universais relacionadas ao ser humano. Ao escrever sobre o vida do campo no Canadá, Montgomery cria um universo ficcional que possibilita adentrar no mundo por ela construído que não é um mero reflexo da realidade social, mas que se relaciona com identidades e culturas do espaço social com o qual dialoga.

Deleuze argumenta que ao escrever, autores e autoras inventam novas línguas dentro de uma língua já existente, pois recriam a língua para que ela possa “delirar” nos universos ficcionais:

O problema de *escrever*: o escritor, como diz Proust, inventa na língua uma nova língua, inventa uma língua estrangeira de uma espécie qualquer. Ele dá à luz novas potências gramaticais ou sintáticas. Ele arrasta a língua para fora dos seus sulcos habituais, ele fá-la *delirar* (DELEUZE, 2000, p. 9).

Apesar de a obra reconhecidamente tratar da cultura canadense, como é abordado em diversos artigos do livro organizado por Gammel e Epperly (1999), ela consegue transpor o espaço e as linguagens que enfoca para construir uma narrativa que trata da experiência humana em uma comunidade camponesa. Deste modo, ao mesmo tempo em que trata de aspectos locais do interior do Canadá, e por isso mesmo, o livro se transformara em elo de construção e de reforço de identidades, pois sua autora cria linguagens, personagens e diálogos que problematizam aspectos comuns à humanidade em outros espaços, inserindo essa obra entre as maiores da literatura universal.

Anne das empenas verdes, publicada pela primeira vez em 1908, lança um olhar etnográfico que dialoga sobre as sociedades do campo e suas práticas culturais. No presente artigo se problematiza como a religiosidade presente em diversas formas no cotidiano da comunidade, nas crenças populares, no lugar social da igreja e dos valores ético-morais, aparece com destaque em um livro que, ao focar o campo no Canadá do início do século XX, suscita reflexões sobre diversas práticas.

1. Literatura e cristianismo

A relação entre produção literária e a religiosidade cristã é um tema de estudo em diversos trabalhos sobre os textos que não compõem o cânon sagrado, mas que contribuem para compreender temáticas complexas do cristianismo. Diversas obras redigidas durante os primeiros séculos da Era Cristã foram consideradas como *não inspiradas*, por isso foram excluídas do cânone cristão e passaram a ser classificadas como livros pseudoepígrafos do Novo Testamento.

Tais obras por séculos foram mantidas longe do alcance dos fiéis, principalmente a partir do momento em que o Cristianismo se tornou a religião oficial do Império Romano, por decreto do Imperador Teodósio no ano de 380. Porém, no século XX estes textos ressurgiram tornando-se acessíveis ao público a partir da descoberta dos Manuscritos de *Nag Hammadi*, em 1945. Assim que esses documentos foram trazidos à luz, iniciou-se uma revisão da história do cristianismo primitivo sob novas óticas, surgindo diversas publicações sobre o assunto. Produções como o filme *A Última Tentação de Cristo* (1988) e o livro *O Código da Vinci* (2003) se utilizaram dos livros rejeitados pela tradição cristã e lhes deram um olhar privilegiado³.

O livro da canadense L. M. Montgomery é uma das obras consagradas da literatura infanto-juvenil universal, e traz fortes questionamentos, principalmente na voz de Anne, sobre o que vem a ser na prática o cristianismo e como deve ser vivenciado. É uma religião que não permite rir ou contemplar livremente? É marcada pela institucionalização que submete completamente as subjetividades e individualidades? As orações devem ser decoradas e repetidas ou há a possibilidade de se expressar sentimentos pessoais vivenciados no cotidiano?

Estes são alguns dos questionamentos que a obra carrega, convidando leitores a um mergulho no universo da aldeia de Avonlea e na vida da menina órfã, Anne, que enfrenta os desafios de encontrar um lugar em um mundo ao qual não parecia pertencer. Após a morte de seus pais, ela vivera com outras famílias, onde fora tratada não como filha adotada, mas explorada como mão-de-obra infantil; depois foi enviada de um lugar para o outro até chegar a um orfanato, de onde foi recolhida pela família Cuthbert, composta pelos herdeiros-proprietários da chácara conhecida como Empenas verdes, os irmãos Marilla e Mathew, que, após alguns desencontros, finalmente a adotaram. Com sua viva imaginação infantil, vai aos poucos superando as desigualdades e rompendo com preconceitos e exclusões sociais sofridos por ela e em muitos casos praticados por professos defensores de valores cristãos.

Dialogando com Levinas, Sayao afirma que a literatura, quando entra em conexão com a filosofia, assume uma face transgressora ao se sobrepor à realidade

3 Sobre as obras pseudoepígrafas, principalmente relacionadas ao Antigo Testamento, consultar Geisler (1997).

e trazer ao centro da cena a condição humana em sua profundidade. Nessa perspectiva transgressora, campos importantes da realidade humana, como ética e religiosidade, podem ser colocados em sua complexidade, permitindo, pelo olhar sobre personagens e narrativas, revisitar a experiência das contradições humanas em suas crenças e expressões de fé. Assim, na concepção de Sayao, a:

literatura, em textura ficcional e mágica, acaba possuindo, nesse sentido, a capacidade de acessar o que de mais peculiar existe em nós e o que de mais próprio nos é devido. Concretude inaceitável para quem é alérgico à humanidade e sua demasia e que desejaria um mundo mais robotizado e com menos visceralidades (SAYAO, 2020, p. 322-323).

O estudo da literatura no campo da filosofia, em diálogo com a teologia, abre diversas possibilidades de problematizar o que Sayao denomina de “frêmito da vida” e enxergar as complexidades de ser humano para além das obviedades, pois se descola da construção teórica mais hermética e traz os leitores para um universo criado pelo autor nos aspectos mais triviais e ao mesmo tempo profundos da experiência humana. Assim, ao dialogar sobre o cotidiano da experiência cristã em uma vila camponesa canadense, Montgomery traz aspectos comuns das perplexidades, complexidades e contradições dos humanos em outros tempos e espaços.

Manzatto (2012) vê como muito importantes os estudos que relacionam a teologia com a literatura, mas considera como um campo ainda em construção e marcado por disputas e conflitos. O autor analisa que este diálogo na maioria das vezes é centrado na literariedade da Bíblia, enquanto livro sagrado, mas que ainda são poucos os estudos que buscam analisar o cristianismo a partir das obras literárias:

É verdade que não é qualquer teologia que se dispõe a dialogar com a literatura, e talvez aqui tenhamos uma das razões que fazem com que tal diálogo seja problemático. Para encontrar-se verdadeiramente com a literatura, respeitando-a no que ela é e sem querer transformá-la em sua serva ou em simples meio de comunicação de suas ideias e propostas religiosas, a teologia deve dispor-se a dialogar com a cultura e o mundo no qual vivem os seres humanos. Dialogar significa também dar voz ao outro e saber ouvir (MANZATTO, 2012, p. 13).

Ele analisa que é necessário não submeter a literatura à religiosidade para que se possa estabelecer estudos interdisciplinares e assim aproximar ainda mais da complexidade da experiência humana neste outro olhar, pois a literatura traz problematizações e questionamentos sobre o cristianismo que abrem diversas perspectivas a serem investigadas. As obras literárias trariam, portanto, um caminho sobre a humanidade, em sua liberdade de enxergar as complexas relações deste humano que se coloca no mundo e diante de suas crenças.

2. Religiosidade, igreja e comunidade em Avonlea

Gammel e Epperly (1999), em seu estudo sobre a obra de Montgomery, acreditam que esta autora tem o mérito de traduzir com criatividade o cotidiano do Canadá profundo, vivenciado por aldeões em lugares afastados das grandes cidades, em meio as suas colheitas, escolas multisseriadas do campo, sonhos, desejos e sociabilidades. Em suas obras, a cultura canadense aparece como elemento norteador das vidas das personagens, nas reuniões escolares, nas festividades da aldeia ou nas cidades próximas, nas reuniões entre vizinhos.

Anne chegou às Empenas verdes apenas com um vestido feito com sobras de tecido de algodão rústico, é recebida na família Cuthbert e tem a oportunidade de, pela primeira vez em sua vida, compartilhar todos os espaços coletivos de um lugar, como escola e igreja, o que coloca diante dela sérios desafios de adaptação em uma vila marcada pelo interconhecimento e pelas tradições familiares e religiosas.

Mendras (1978), em *Sociedades camponesas*, caracteriza como sociedades de interconhecimento aquelas onde os sujeitos possuem posições e referências predefinidas conforme o lugar social que ocupam na comunidade. Desta forma, todas as pessoas são conhecidas, identificadas e aceitas a partir de referências familiares, trabalho, posição na igreja, propriedades.

As regras sociais que inter-relacionam a comunidade e a igreja são difíceis de ser compreendidas por uma menina de 11 anos que não foi socializada em uma família, mas apenas “utilizada” por outras famílias que a desumanizavam como uma espécie de “ferramenta de trabalho”, o que a obrigou a recorrer a sua grande imaginação como modo de enfrentar as duras realidades em que fora até então inserida.

Em sua vida cotidiana, a religiosidade cristã aparece com força desde a preocupação de Marilla para que Anne não seja “pagã”. Como a obra focaliza a vida de Anne, é no olhar dela que aparecem as contradições discursivas da fé, a partir, sobretudo, de sua ingenuidade, imaginação e o gosto pelo belo, com questionamentos densos sobre a igreja e a fé cristã.

Ainda em relação à personagem Marilla, a obra abre uma janela para se discutir o sagrado e o profano, conforme definido nos estudos de Eliade (1992). Segundo esse autor, qualquer objeto do mundo natural pode se transformar em sagrado, dependendo do olhar do indivíduo. Esta distinção é feita na particularidade, de forma que o que é considerado sagrado, ou profano, para uma pessoa, pode não ter o mesmo simbolismo para outra. Tal criação de dois mundos, sagrado-profano, revela-se na relação do homem com o espaço, com o tempo e igualmente com utensílios, dos mais diversos.

No texto de *Anne das empenas verdes*, no capítulo XIII, é apresentada uma cena na qual Marilla e Anne estão conversando sobre um broche de ametista. Ao ressaltar a importância do objeto para sua dona, a autora usa elementos e

linguagens pertencentes ao contexto religioso para estabelecer um ponto de referência de valores. Ao declarar que Marilla sempre usava tal broche quando ia para a igreja, e esquecê-lo seria o equivalente a um “sacrilégio”, o mundo religioso é evocado para elevar o valor do broche como algo muito precioso, equivalente ao sagrado.

Ainda no decorrer desse diálogo, ao elevar a beleza do broche, Anne afirma não saber como Marilla conseguiria prestar atenção ao sermão, ou mesmos às orações, quando estava usando um item tão elegante em seu pescoço. Novamente os elementos religiosos e sagrados são retomados no texto para servir de referência para a valorização do broche. Tal diálogo evidencia a trama do sagrado com o profano no cotidiano apresentado na narrativa.

Na obra, aparece com força a reflexão sobre a linguagem do sagrado em suas formas verbais e simbólicas que, como afirma Ries (2008), conduz os humanos à possibilidade de adentrar em universos que se colocam além da realidade de sua vida cotidiana e lhes permitem uma reconstrução do *homo religiosus*, mesmo que ele muitas vezes seja incapaz de concretizar seus discursos sobre o ideal ético do cristianismo.

A vida comunitária em Avonlea circulava em torno das reuniões da igreja, das atividades na escola e das visitas entre os vizinhos. Estes espaços funcionavam para além de suas destinações públicas predefinidas, como fundamentais para a construção de laços na comunidade, pois neles circulavam as informações e as fofocas; ali também se dialogava sobre os problemas e assuntos de interesse coletivo.

A igreja de Avonlea tinha um pastor e em alguns momentos se tem indicativos de se tratar de uma denominação protestante, mas sem que seja especificada exatamente qual. Ir à igreja era muito mais do que se deslocar voluntariamente para uma celebração cristã, mas um imperativo perante a família de cada indivíduo e a comunidade, pois se esperava encontrar todas as famílias nos cultos. Deste modo, a igreja se constitui em um elo organizador de sociabilidades e norteador de valores ético-morais da aldeia, o que torna a presença aos cultos e o envolvimento em cada atividade, inclusive das crianças, elementos fundamentais para se definir o papel de cada família na estrutura coletiva.

Ir à igreja em Avonlea, portanto, é mais do que participar de um momento coletivo de adoração a Deus, visto que também se constitui em um espaço de sociabilidade que funciona como elo organizador de relações sociais entre os sujeitos que são reconhecidos a partir de suas famílias e das atividades que desenvolvem na comunidade. Se uma família se recusa a participar dos cultos, pode sofrer sanções sociais que se estendem para além das relações em torno de práticas de religiosidade cristã.

A obra evidencia a institucionalização da religiosidade cristã definida a partir de um credo e de um *corpus* doutrinário/dogmático que, como

problematiza Galvão (2018), apesar de muitas vezes não serem compreendidos estruturalmente pelas comunidades, são vividos nas sociedades ocidentais em processos de ressignificação que reconstroem relações sociais a partir do envolvimento em atividades na igreja.

As famílias visitam e são visitadas pelo pastor, participam de todo o processo de funcionamento da igreja, dialogam sobre os problemas e projetos cotidianos, bem como fazem fofoca, prática que, como afirma Fonseca (2000), é importante para destacar as normas sociais e aplicar informalmente as sanções frentes às eventuais transgressões.

Neste sentido, Anne necessita ser inserida nas atividades religiosas da comunidade para que possa ser vista positivamente pelas demais pessoas. Marilla, que pelo acordo com Matthew, é a responsável pela educação da menina, se auto-define como uma mulher devota a Deus, por isso se preocupa com a religiosidade pública e privada de Anne, para que ela possa aprender a respeitar ao Criador e ser aceita na comunidade. Contudo, como a religiosidade pensada por Marilla se atém muito mais aos aspectos formais, ela pensa nos comportamentos de Anne na igreja, bem como na necessidade de que faça todas as orações esperadas nos horários costumeiramente prescritos para um cristão: ao acordar, antes das refeições e, principalmente, antes de dormir.

Na visão de Marilla é fundamental saber como orar a Deus, com equilíbrio e reverência, inclusive decorando as orações conhecidas, para que se possa ter aceitação divina e da comunidade. Anne precisa passar, portanto, pelos desafios de encontrar um lugar para si neste novo mundo do qual agora fazia parte, encontrando os caminhos adequados para ser vista como boa aluna e boa cristã para ser aceita na comunidade e ao mesmo tempo referendar o bom nome da sua nova família.

Ser boa aluna, tanto quanto ser boa cristã, não se define necessariamente por tirar boas notas ou cumprir os “deveres” na igreja, mas por cumprir normas e procedimentos exigidos socialmente. Os adultos precisam participar da vida comunitária, incluindo igreja e escola, e educar as crianças para aprenderem os deveres e comportamentos públicos.

Marilla então pede que Anne faça as orações antes de dormir e ouve um pedido para que seja ensinada. Ela então “decidiu que a educação religiosa de Anne tinha de começar de imediato. Era evidente que não havia tempo a perder” (MONTGOMERY, 2017, p. 62). A educação religiosa em casa e na igreja, com seus cursos e atividades, era tão importante para Avonlea, e conseqüentemente para Marilla quanto a educação escolar, de modo que Anne é instada a ajoelhar-se para orar, ao que a menina retruca argumentando que:

Por que é que as pessoas têm de se ajoelhar para rezar? Se eu quisesse mesmo rezar, vou dizer-lhe o que faria. Ia sozinha para o meio de um grande campo ou para o fundo, bem fundo de um bosque e olhava para cima – bem lá para cima – para o céu – para

aquele céu azul encantador onde o azul parece não ter fim. E, então, eu iria simplesmente sentir uma oração. Bem, estou pronta. O que devo dizer? (MONTGOMERY, 2017, p. 63).

Em seguida faz uma oração espontânea, sem formalidades, em que utiliza de belas frases e palavras pouco utilizadas cotidianamente para agradecer a Deus por diversos aspectos de seu dia, como por viver nas Empenas Verdes. Seus simples questionamentos colocam em xeque as formalidades da fé cristã, cristalizadas na comunidade e em sua família, ao trazer o diálogo sobre a espontaneidade da busca por Deus. Em um lugar marcado pela exuberância da natureza e também pela segurança que possibilita às famílias permitirem que as crianças brinquem e circulem sozinhas pela vila e pelos caminhos na floresta, inclusive à noite, Anne argumenta que a contemplação a Deus na natureza é mais sublime que se ajoelhar no quarto. Ela se aproxima da análise de Motta (2019) que dialoga sobre a busca por Deus a partir da construção informal de uma amizade espiritual com o Criador, em contraposição a uma visão consolidada no cristianismo de que é necessário aprender e recitar orações formais.

Contudo, Marilla aprendeu que a reverência a Deus não permite qualquer tipo de proximidade discursiva ou contemplativa com o Criador e repreende Anne por construir uma oração desrespeitosa, tanto que exige que decore o “Pai Nosso”, e que apenas faça as orações já prontas e recitadas dali em diante. Mas, Anne entendia o cristianismo como contemplação e em sua ingenuidade infantil segue com seus questionamentos que trazem, sem que se dê conta, uma visão sobre o aprofundamento da fé na vida humana. Ela não apenas admira quadros que representam Jesus, mas mergulha na imaginação para interpretar detalhadamente cada figura que enxerga em movimento e se coloca a problematizar:

Mas eu gostava que o artista não O tivesse pintado com o olhar tão tristonho. Todos os quadros Dele são assim, se é que já reparou. Mas eu não acredito que Ele pudesse realmente parecer tão triste ou as crianças iriam ter medo Dele.”

“Anne”, disse Marilla, perguntando a si mesma por que é que não interrompera este discurso antes, “Não devias falar desta maneira. É irreverente. Não há dúvida que é irreverente.” (MONTGOMERY, 2017, p. 70)

Seus questionamentos incomodam Marilla que aprendeu a enxergar a devoção cristã como algo que exige a tristeza para repetir as orações e que não abre espaço para questionamentos. É uma lógica que distancia o Deus do cristianismo das pessoas e estas apenas reproduzem regras e códigos como forma de obter o favor Dele, por isso Cristo aparece representado no quadro com um olhar tristonho, o que desafia o entendimento de Anne, que não consegue compreender como poderia conquistar e atrair crianças com a sua tristeza.

Para Galvão (2018), o contato direto com Deus no mundo ocidental é mediado pela institucionalização da fé. É nessa lógica que Marilla vai “orientar” Anne a adequar suas orações e o modo como se dirige ao divino para que possa ser aceita na esfera religiosa de Avonlea. No cotidiano religioso de Marilla e da

maioria das pessoas em Avonlea, os fiéis devem participar das atividades da igreja, obedecer às ordens divinas, decorar as orações e seguir todas as regras, sem espaço para a livre contemplação e para questionamentos sobre a alegria proporcionada por Cristo, como algo que atrai as pessoas, por exemplo.

3. Relações metatextuais em *Anne das empenas verdes*

Gérard Genette, um importante teórico na área de estudos sobre tipologias intertextuais, classificava, de forma geral, os diálogos entre textos como “relações transtextuais”, através das quais um “texto antigo” se oculta sob um “texto novo” (GENETTE, 2010). A metáfora do palimpsesto é importante para esclarecer sua teoria pois, conforme o próprio autor declara,

Um palimpsesto é um pergaminho cuja primeira inscrição foi raspada para se traçar outra, que não a esconde de fato, de modo que se pode lê-la por transparência, o antigo sob o novo. Assim, no sentido figurado, entenderemos por palimpsestos (mais literalmente: hipertextos) todas as obras derivadas de uma obra anterior, por transformação ou por imitação. Dessa literatura de segunda mão, que se escreve através da leitura, o lugar e a ação no campo literário geralmente, e lamentavelmente, não são reconhecidos. Tentamos aqui explorar esse território. (GENETTE, 2010, p. 7).

Para Genette, cinco são os tipos de relações transtextuais: Intertextualidade, Paratextualidade, Metatextualidade, Hipertextualidade e Arquitextualidade. Dentre as classes apresentadas pelo autor, a Hipertextualidade é a categoria que ganha maior destaque, enquanto a Metatextualidade é a que recebe menos atenção, sendo apresentada de forma bem sucinta, ao ponto de o próprio autor declarar não ter dado a atenção que tal relação merece (GENETTE, 2010, p. 17).

Ainda que de maneira econômica, Genette apresenta um vislumbre da relação transtextual como uma espécie de “comentário” que une um texto-fonte a outros que dele tratam, sem haver necessariamente a citação ou nomeação do mesmo. Esta seria uma espécie de alusão silenciosa (GENETTE, 2010, p. 17). Este eco sutil de obras anteriores presentes no texto atual, embora caminhe na borda da subjetividade, é necessário para se pensar não somente em textos, como material escrito, mas em ideias e temas que são resgatados pelo autor.

No caso da obra *Anne das empenas verdes*, um tema que atravessa o texto é o conflito entre uma religiosidade antiga, metaforizada na figura de Marilla, e uma religiosidade nova, apresentada na figura de Anne. A primeira é marcada pela forma, pelas regras e pelas obrigações. Ao passo que a segunda é livre, informal e natural. Tal conflito é materializado por meio da diferença entre a reza, como uma fórmula decorada de comunicação com o divino, e a oração, um diálogo sincero e transparente.

Este conflito entre uma antiga e uma nova forma de religiosidade pode ser compreendido como uma relação transtextual entre a obra de *Anne das empenas verdes* e a teologia reformista, a qual carregava em seu seio uma tentativa de trazer vida a uma igreja milenar (a católica medieval), marcada pelo excesso de formalismo.

O início do diálogo entre Marilla e Anne sobre o tipo de oração que era ensinado na escola dominical oferece uma fórmula de diálogo entre os fiéis e Deus. Porém, Anne revela um olhar diferente em relação à oração, defendendo um sentimento poético, contrariando a reza formal. Enquanto o hábito de orar é visto por Anne como poesia, para Marilla tal prática é mera rotina; obrigação que deveria ser seguida por Anne para deixar de ser pagã.

No processo de construção de sua oração, Anne apresenta sua preocupação em relação ao uso dos adjetivos usados pelos pregadores na igreja para se referir a Deus (Gracioso Pai Celestial), trazendo à reflexão a questão da forma em contradição com o sentimento. No final do diálogo entre as personagens, Anne é deixada no quarto enquanto Marilla se retira, sem estar convencida de que o formato da oração da menina era o mais adequado em relação ao diálogo com Deus.

Ao comparar as perspectivas opostas de Marilla e Anne sobre a prática da oração, percebemos uma inversão de valores a partir do momento no qual quem pretende ensinar, no caso Marilla, torna-se aprendiz. A criança se torna referência para o adulto ao resgatar a essência do ato esquecido no meio dos escombros da religiosidade de aparências. Tal narrativa aproxima-se da cena descrita no evangelho de Mateus, capítulo 18, na qual Jesus coloca uma criança diante dos adultos religiosos de seu tempo e desafia-os a tornarem-se semelhantes a ela para alcançarem o reino dos céus.

White caminha na mesma direção apontada por Anne sobre o rompimento com o formato engessado da oração. A autora defende que “não há tempo nem lugar impróprio para erguer a Deus uma prece”. A autora coloca em oposição a reza (formato decorado de um texto, conforme defendido por Marilla) e a oração (uma conversa informal, conforme defendido por Anne), apontando para a segunda como o melhor formato para o cristianismo. Em suas palavras, “a oração é o abrir do coração a Deus como a um amigo” (WHITE, 2013, p. 93).

Ao retomar a possibilidade silenciosa da presença metatextual da teologia reformada em oposição ao catolicismo medieval, tal presença não seria estranha poque, além dos elementos textuais presentes na obra, há também aí um elemento histórico importante referente ao fato de que a autora da obra, Montgomery, foi casada com Ewan Macdonald, o qual era um ministro presbiteriano, cuja herança teológica deriva diretamente dos Reformadores. (RAWLINSON, GRANATSTEIN, 1997).

4. Religião, formalismo e felicidade: um Deus que sabe dançar

Sem adentrarmos mais na profundidade e complexidade da obra filosófica de Nietzsche, que demandaria estudos específicos, a crítica da narrativa ao excesso de formalismo no cristianismo e à perda da alegria e da contemplação na devoção religiosa se aproxima da visão deste filósofo em *Assim falou Zaratustra* (2017), quando Zaratustra argumenta que não acredita em um Deus que não sabe dançar. Ele segue uma linha de pensamento que vai desenvolver um pouco mais, alguns anos depois, em *O anticristo* (1978), onde reafirma sua crítica à transformação de parte do cristianismo em uma religião institucionalizada, baseada em formalismos e normas, que retirariam a capacidade dos fiéis de pensar e criar por conta própria e de viverem com espontaneidade suas crenças.

Este formato de cristianismo, baseado, na visão de Nietzsche, em apenas repetir modelos preestabelecidos por líderes religiosos e instituições, retiraria a espontaneidade da busca de encontro com o sagrado, algo que também é ingenuamente questionado ao longo da narrativa por Anne.

Na obra, Marilla demonstra uma fé que se baseia em obedecer às lideranças eclesiais, inclusive para manter o “bom” nome de sua família, enquanto a fé de uma criança que passou por dificuldades ao longo de sua breve vida é questionadora, criativa, autônoma e alegre. A menina vivencia os encantamentos das novas descobertas, aprende as orações e vê tal beleza nelas que não consegue entender por que os líderes religiosos, como o diretor da catequese do orfanato, as repetem de forma mecânica e monótona, como se não acreditassem no que dizem:

“Gosto disto”, anunciou ela passado algum tempo. “É linda. Já a tinha ouvido antes – uma vez ouvi o diretor da catequese do orfanato a dizê-la. Mas nessa altura não gostei. Ele tinha uma voz tão desagradável e rezava de uma forma tão soturna. Tive a certeza de que ele achava que rezar era um dever penoso. Isto não é poesia, mas faz-me sentir exatamente como com a poesia”. (MONTGOMERY, 2017, p. 70).

Ela vê poesia, adoração e uma possibilidade de conexão com Deus a partir das palavras do “Pai Nosso”, enquanto considera que muitos religiosos as pronunciam como um dever penoso e enfadonho. Nesse sentido, o mundo fora das celebrações religiosas parecia ter mais beleza da fé em Deus do que dentro da igreja, o que leva Anne muitas vezes a mergulhar na contemplação a Deus, olhando mais para a natureza lá fora do templo, do que para a liturgia, pois parecer existir em muitos casos falta de significado necessário para traduzir a adoração transcendente a Deus.

Anne vê na natureza a beleza de Deus, por isso se perde em si mesma ao adorar a Deus, mesmo sem se dar conta disso, no contato com a natureza, pois em sua concepção, ao se deparar com uma “manhã maravilhosa”, chega à conclusão de que “o mundo parece mesmo uma coisa que Deus imaginou para

Seu próprio deleite, não parece? (MONTGOMERY, 2017, p. 171) Apesar de simpatizar com as pessoas de Avonlea, Anne não entende como muitos religiosos podem falar sem convicção sobre temas tão profundos do cristianismo, como o Sr. Bell, líder da igreja da aldeia:

Ele estava a falar com Deus e também não parecia estar muito interessado naquilo. Acho que ele pensava que Deus estava muito distante. Havia uma longa fileira de bétulas brancas penduradas sobre o lago e a luz do Sol incidia através delas lá para baixo, até ao fundo, até ao fundo das águas. Oh, Marilla, Era como um sonho lindo! Deu-me um calafrio e eu disse só “Obrigada, por isto, Deus”, duas ou três vezes. (MONTGOMERY, 2017, p. 98).

Agradecer a Deus pela natureza, contemplar, parecia superar uma fala na igreja, dita apenas por obrigação. O que está em questão é como a institucionalização da fé cristã poderia vir a ter o efeito contrário ao proposto, ou seja, ao invés de funcionar como um elemento de fortalecimento do vínculo entre humanos e o Criador, poderia acabar se tornando algo burocratizado que na prática retiraria os significados concretos e a beleza da adoração para funcionar apenas como um elemento norteador de relações sociais.

O confronto entre a fé como um relacionamento próximo a Deus que une com as outras pessoas e o distanciamento que muitas vezes se dá a partir de uma versão mais formal é o que Vattimo (2018) analisa como a não aceitação pela institucionalização do cristianismo de que as crenças cristãs seriam fundamentadas necessariamente em um processo de secularização do sagrado, baseada no fato de que Cristo reuniu os humanos entre si e a Deus tanto individualmente quanto na realidade de suas existências sociais. O autor chama a atenção para a dicotomia entre um Deus que assumiu a forma humana e participou das vidas das pessoas e uma religiosidade que afasta o divino da existência concreta e também da prática cotidiana dos relacionamentos coletivos.

Nesse sentido, atuar como liderança da igreja traz o reconhecimento da comunidade de Avonlea, mas até que ponto isto não poderia tirar o foco da busca do encontro da humanidade entre si e com Deus para o cumprimento de obrigações eclesiais que perdem o significado concreto nas vidas das pessoas?

Esse é um questionamento subjacente às reflexões infantis de Anne. A obra de Montgomery parece adentrar na afirmação de Jesus nos Evangelhos de que é preciso se tornar como as crianças para entrar no reino dos céus (MATEUS, 18:1-4). Para Anne não é difícil compreender que a oração expressa o estado espiritual de quem fica feliz em falar com Deus. Por isso não percebe qual seria o problema em dizer para Marilla “que esta noite me apetece rezar e que vou pensar numa oração novinha em honra da ocasião.” (MONTGOMERY, 2017, p. 174)”. Com sua visão inocente, a menina que não vivencia aquelas práticas sociais desde seu nascimento consegue questionar as realidades com as quais se depara e enxergar contradições internas.

5. O cotidiano da fé e da vida em Avonlea

No cotidiano de Avonlea, cada novo acontecimento que altera a vida na comunidade possui grande importância e é discutido pelos moradores que muitas vezes ficam em polvorosa. Como a igreja cristã é estruturalmente fundamental para Avonlea, a chegada de um novo pastor, o Sr. Alan e sua esposa, provoca burburinhos e debates em toda a vila. Em uma localidade que tem nos espaços de reunião, como a igreja e a escola, o eixo central da organização social e na fé cristã o elemento norteador dos códigos de conduta ético-morais, a chegada de um novo pastor é uma parte estruturante da vida em comunidade, por isso traz expectativas e preocupações para as lideranças e demais famílias.

“Um novo pastor, ainda para mais um pastor casado, era um legítimo objeto de curiosidade numa calma povoaçãozinha rural onde as sensações eram poucas e pouco frequentes” (MONTGOMERY, 2017, p. 199). Não era apenas a curiosidade que movia as pessoas em torno da chegada deste novo personagem, mas também suas crenças e valores ético-morais, bem como a estabilidade ou não da vida em Avonlea que poderiam ser colocados em risco, caso o pastor não conseguisse se adequar ao que se esperava dele.

Schneider-Harpprecht e Streck (1995) analisam que as figuras do pastor e de sua família assumem posição complexa, sobretudo em cidades pequenas e no campo, pois podem vir a exercer atividades que se sobrepõem às atividades fins que deveriam desenvolver, podendo ser vistos como lhes cabendo necessariamente assumir papéis de liderança em todos os aspectos da vida da comunidade e até mesmo na vida familiar.

Assim, homens e mulheres, adultos e crianças comentavam sobre o novo casal pastoral que iria trazer impactos para a comunidade. Questionava-se a juventude do pastor e a possibilidade de não ter a firmeza de princípios que se julgava necessária. Em um diálogo com Marilla, Anne traz o cerne de um princípio solidificado na igreja sobre a importância dos clérigos, cuja palavra aparenta ter um peso superior ao das demais pessoas e, portanto, maior confiabilidade, sobretudo quando fala de dentro dos espaços sagrados, pois “quando um pastor diz uma coisa do púlpito somos obrigadas a acreditar” (MONTGOMERY 2017, p. 112).

Uma palavra que possui maior peso do que a de moradores antigos, que nasceram e cresceram na aldeia, denota a sacralidade que orna a figura do pastor, bem como a força dos papéis sociais que é chamado a exercer na comunidade e que, por isso mesmo, também o transformam em um elemento que reorganiza quase automaticamente em torno de si diversos aspectos do cotidiano. A Sra. Lynde, conhecida por se envolver em todos os campos da vida em Avonlea, questiona o fato de o pastor ser casado, e quais os princípios morais que devem reger suas atividades, enquanto outros moradores temem as possíveis modificações que ele possa vir a introduzir.

A centralidade da figura de um pastor em uma comunidade organizada em torno da igreja vai além da sacralidade atribuída a sua função, pois é atravessada também pelo papel de liderança que é exercido por ele. Como vai lidar com as lideranças da igreja e da comunidade e como vai transitar pelos diferentes espaços? Seu sermão se baseará no reforço aos valores tradicionais ou vai trazer inovações teológico-sociais?

As inovações ultrapassam a esfera da igreja e podem vir a ser um elemento desorganizador em comunidades pautadas na tradição e que poderiam sofrer fortes rupturas frente às transformações mais bruscas. Assim, o temor e o alvoroço provocados pela chegada do novo pastor se enquadram nas expectativas que os moradores de Avonlea tem de seu cotidiano e no modo como pensam o ideal para a organização de suas vidas, de suas famílias e da comunidade.

Figueira (2012) considera importante o desenvolvimento de pesquisas que buscam compreender a presença da religião nas sociedades como um elemento de organização e definição de aspectos culturais, pois:

a religião deve ser tomada como atividade humana, mas sem cair numa postura antropológica nem antropologizante, que pretende definir, segundo parâmetros da cultura, o que seria ou não religião. Tomada como uma atividade primordialmente humana, a religião se insere na experiência humana e, nesse universo, deve ser apreendida como campo a ser estudado (FIGUEIRA, 2012, p. 49).

Como liderança de práticas religiosas desenvolvidas como atividade humana, a família do pastor impacta o cotidiano de Avonlea. É importante compreender este campo na lógica da própria concepção de experiência religiosa vivenciada pela comunidade. Anne logo fica fascinada pela Sra. Alan, a esposa do pastor, pois ela falava de sua fé como sendo algo concreto, baseado em uma busca por Deus, para além das formalidades que sua própria figura representava na igreja e na comunidade. Ela conversava com as meninas com interesse e proximidade, aconselhava sobre diferentes aspectos de suas vidas, para além dos formalmente religiosos, porque acreditava que o cristianismo se espraia por todos os aspectos da vida, para além das formalidades:

A Sra. Allan disse que nós devíamos sempre tentar ser boas influências para as outras pessoas. Falou tão bem sobre tudo. Nunca antes tinha percebido que a religião fosse uma coisa tão alegre. Sempre pensei que era mais para o melancólico, mas a Sra. Allan não é, eu gostaria de ser uma boa cristã se pudesse vir a ser como ela. Não queria ser cristã como é o administrador da catequese, o Sr. Bell (MONTGOMERY, 2017, p. 201).

As crianças admiram a Sra. Alan, por enxergarem nela um cristianismo vivido na prática, não somente como uma formalidade que garante reconhecimento e espaço dentro da sociedade. O trabalho desempenhado pela Sra. Alan e a expectativa da comunidade em torno dela coadunam com a análise

de Schneider-Harpprecht e Streck (1995), ao afirmarem que espera-se da esposa de um pastor, principalmente em pequenas cidades e no campo, que desempenhe funções de conselheira, educadora, orientadora, evangelista de jovens, crianças e mulheres, mesmo quando eventualmente ela não possui formalmente funções na igreja e nem remuneração.

O Sr. Bell parecia fazer as atividades religiosas mecanicamente, enquanto a Sra. Allan traduzia em sua vida a experiência de quem acreditava que o cristianismo deve transformar as pessoas em melhores, de forma que exortava às crianças neste sentido.

Anne também se voltava às reflexões que fizera em outro momento sobre o quadro em que Jesus era representado como uma pessoa triste, uma vez que a Sra. Allan confirmava sua ideia de que a tristeza defendida por muitos religiosos não consegue atrair e conquistar as pessoas, mas apenas enquadrá-las em um sistema social. A Sra. Allan era alegre e desafiava as crianças a uma busca por serem melhores, tornando-se referência para elas.

A fé da comunidade estava atrelada às formalidades e regras sobre o que se pode fazer ou não, sobre os horários para rezar/orar, o formato das preces e como se poderia ser reverente a Deus, de modo que mesmo pessoas que o narrador retrata como buscando sinceramente a Deus poderiam suprimir a alegria e construção do cristianismo como uma experiência transformadora, devido às formalidades. A Sra. Rachel Lynde, retratada como faladora e a fofqueira de Avonlea, é um elemento de organização social, pois reafirma normas e códigos de conduta e no aspecto religioso se atém às formalidades dos deveres e normas rígidos que devem ser utilizados para condenar e punir os transgressores. Fonseca (2000) afirma que a fofoca é uma voz pública importante em grupos sociais, utilizada com frequência para reafirmar as normas e sancionar os desviantes.

Mas, a Sra. Lynde é modificada na experiência do convívio com Anne, assim como a Sra. Barry, mãe de Diana, e o Sr. Bell. A crença em Deus como frio e distante transformava até mesmo crenças sinceras no cristianismo em formalidades às quais os moradores procuravam se adequar. Deus se preocupa com as pequenas coisas das pessoas ou apenas exige que lhe obedçam e o adorem? Anne tinha dificuldades em conciliar a crença nos mandamentos divinos com a de que com Ele tudo pode ser mais belo e alegre. “Não achava que Deus tivesse tempo pra se preocupar com o vestido de uma menina órfã” (MONTGOMERY, 2017, p. 95).

Mesmo quando adolescente, Anne se pergunta se “é errado pensarmos tanto em roupas? A Marilla disse que é pecado. Mas é um assunto tão interessante?” (MONTGOMERY, 2017, p. 271). Qual a fronteira entre o fato de Deus intervir no cotidiano e se banalizar a crença nele, ao ponto de torná-la irreverente? Anne e a comunidade tinham diante de si o desafio de encontrar este ponto de equilíbrio. Marilla demonstrava acreditar sinceramente em Deus e se preocupava em atender aos desejos de Anne levando-a ao pecado da vaidade. O mesmo Deus que não parecia se importar com vestidos de meninas órfãs

considerava, na lógica de Anne e Marilla, pecado pensar em roupas, sem deixar de exigir boas e compostas roupas para os fiéis.

Considerações finais

O formalismo religioso poderia tragar até mesmo quem acreditava de fato no que dizia, mas que acabava por fazer preces e celebrações como mera formalidade. O Sr. Bell demonstrava não sentir prazer nas orações que fazia, mas surpreende Anne quando a visita e aparece sem as máscaras sociais como uma boa pessoa que possuía fé em Deus de modo efetivo.

A religiosidade é (re)significada em uma sociedade que tem na igreja cristã mais do que um lugar de devoção, pois ela funciona também como lugar de encontro e de sociabilidade, que possibilita o aprofundamento de laços entre as famílias. Deste modo, suas concepções de mundo estão interligadas com suas relações com a igreja, a fé e com a família pastoral. Tudo o que acontece na igreja acaba ganhando uma dimensão maior, devido à importância estrutural que a igreja possui na comunidade.

A análise da obra abre diversas possibilidades de compreender como a literatura nos permite problematizar a maneira como as igrejas cristãs podem cumprir diversos papéis nas comunidades, funcionando enquanto espaços de sociabilidade, de afetividades, de (re)afirmação das normas sociais, de reunião, de disputas políticas e de práticas religiosas. A obra nos possibilita lançar um olhar etnográfico e compreender como a cultura camponesa, na narrativa ambientada em uma comunidade no interior do Canadá, se entrelaça com a religiosidade cristã, funcionando como elemento definidor de identidades e de organização social.

A última frase do livro, murmurada suavemente por Anne, “Deus está no céu, no mundo tudo está bem” (MONTGOMERY, 2017, p. 357), define adequadamente as ideias sobre o entrelaçamento entre religiosidade, identidade e sociabilidade no livro, pois reafirma que, enquanto mantiverem firme a crença em Deus e enquanto desenvolverem fielmente as atividades religiosas em Avonlea, a comunidade permanecerá forte, mesmo com os diversos problemas cotidianos que tem de enfrentar.

Referências

Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 1998.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica.** Lisboa: Século XXI, 2000.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano.** São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ELIAS, Norbert. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FIGUEIRA, Eulálio Avelino. Por uma superação da epistemologia tradicional no campo da religião a partir do pragmatismo de Richard Rorty. In: QUEIROZ, José; GUEDES, Maria Luiza; QUINTILIANO, Angela Maria Lucas (orgs.). **Religião, modernidade e pós-modernidade**: interfaces, novos discursos e linguagens. Aparecida-SP: Ideias & Letras, 2012, p. 35-54.

FONSECA, Cláudia. **Família, Fofoca e Honra**: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2000.

GALVÃO, Arthur Emanuel Ilharco. Terá a religião lugar no espaço público? O politeísmo utópico de Richard Rorty. In: QUEIROZ, José; GUEDES, Maria Luiza; QUINTILIANO, Angela Maria Lucas (orgs.). **Religião, modernidade e pós-modernidade**: interfaces, novos discursos e linguagens. Aparecida-SP: Ideias & Letras, 2012, p. 179-204.

GAMMEL, Irene; EPPERLY, Elizabeth. **L. M. Montgomery and Canadian culture**. Toronto-Canadá: University of Toronto, 1999.

GEISLER, Norman; NIX, William. **Introdução Bíblica**: como a Bíblia chegou até nós. São Paulo: Editora Vida, 1997.

GENETTE, Gérard. **Palimpsestos**: a literatura de segunda mão. Belo horizonte: Edições Viva Voz, 2010.

MENDRAS, Henri. **Sociedades camponesas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978.

MANZATTO, Antônio. Em torno da questão da verdade. **Horizonte**, v. 10, n. 25, Belo Horizonte, p. 12-28, 2012.

MONTGOMERY, L. M. **Anne das empenas verdes**. Lisboa: Relógio D'água Editores, 2017.

MOTTA, Fábio Barreto. Amizade com o Deus trinitário: a base para a amizade espiritual. **Revista Summae Sapientiae**, n. 2, João Pessoa, p. 168-184, 2019.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Assim falava Zaratustra**. São Paulo: Lafonte, 2017.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **O anticristo**. Lisboa: Guimarães & C. Editores, 1978.

RAWLINSON, H. G.; GRANATSTEIN, J. L. **The Canadian 100**: The 100 most influential Canadians of the 20th century. Toronto: Little, Brown & Company Limited, 1997.

RIES, Julien. **O sentido do sagrado nas culturas e nas religiões**. Aparecida: Ideias & Letras, 2008.

SAYAO, Sandro Cozza. Entre a literatura e filosofia: pensar com Lévinas é pensar além. **Teoliterária**, v. 10, n. 22, São Paulo, p. 308-329, 2020.

SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph; STRECK, Valburga Schmiedt. A esposa do pastor: identidade entre família, profissão e igreja. **Estudos teológicos**, v. 35, n. 2, São Leopoldo, p. 133-145, 1995.

VATTIMO, Gianni. **Crer que se crê: é possível ser cristão apesar da Igreja?** Petrópolis-RJ: Vozes, 2018.

WHITE, Ellen G. **Caminho a Cristo**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2020.

Submetido em: 17/02/21

Aceito em: 05/09/22